

Muay Thai, a luta do mal?

Edgar Mendes Soares

EEFMT Maria Theodora Pedreira de Freitas

No ano de 2017, tive a oportunidade de trabalhar com dois 7º anos, dos cinco existentes na escola. Logo de início, procurei mapear e reconhecer o patrimônio cultural corporal dos alunos, assim percebi que o tema lutas foi pouco estudado embora houvesse ali em sala de aula alguns praticantes e ex-praticantes. Entretanto, o currículo já havia sido elaborado e, como era de se esperar, estava carregado de práticas corporais hegemônicas (futsal, basquete, handebol, etc.), no entanto, procurei tensionar para incluir o tema de lutas, justificando sua importância para aqueles alunos. O relato que segue refere-se aos caminhos percorridos de agosto ao final de novembro com o 7º ano D. Tão logo informados da decisão, os alunos não viam possibilidades de realizar práticas de lutas dentro da escola, o que me causou um certo incômodo.

Iniciamos com um diálogo sobre as lutas que já haviam praticado na escola, nas respostas percebi que realizaram apenas atividades lúdicas e descontextualizadas. Enquanto eu falava sobre a proposta de tematizar uma luta específica sobre a qual nos debruçaríamos para entendê-la melhor um aluno interrompeu dizendo: “Nós vamos lutar ‘Prô’? De verdade?”. Depois compreendi a fala quando os alunos relataram que tiveram aulas teóricas sobre lutas, porém, nos momentos de vivência faziam outras práticas corporais.

Pensando nesses primeiros diálogos, elaborei a aula seguinte baseada no capítulo de lutas do livro *Práticas Corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas*¹, construindo alguns slides e levando vídeos para os alunos observarem os significados, princípios e tipos de algumas lutas conhecidas e desconhecidas para eles, a fim que percebessem os diferentes contextos e origens dessas lutas. Após essa atividade, os estudantes foram orientados a se organizarem em grupos e escolherem uma luta, pesquisarem suas características e apresentá-la aos colegas na aula seguinte. A atividade permitiria a seleção da luta que seria tematizada.

Durante a semana, elegi alguns objetivos para direcionar as situações didáticas:

¹ NEIRA, M. G. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

- Ampliar e aprofundar conhecimentos sobre as lutas reconhecidas da cultura corporal;
- Vivenciar e ressignificar as características próprias das lutas tematizadas;
- Refletir sobre os marcadores sociais que envolvem as lutas objetos de estudo.

Na aula seguinte foram apresentadas 5 lutas: kung-fu, capoeira, judô, muay thai e krav magá. Cada grupo procurou mostrar a importância da luta que eles escolheram, como também um pouco da história. No final da aula, fiz a mediação dos grupos para juntos escolhermos a luta que iríamos estudar. Foi escolhido o muay thai. Percebi que nessa atividade eles posicionaram as lutas como mercadorias, focalizando os benefícios alcançados com a prática².



Escolhido o muay thai, nossas aulas seguintes foram vivências no sentido de socializar os conhecimentos que o grupo possuía sobre a gestualidade da manifestação corporal, dois alunos que já haviam praticado colaboraram para explicar a postura e alguns golpes como: jab, direto, gancho, cruzado, joelhada, cotovelada, esquiva e chute.

Depois, organizados em duplas, eles foram aplicando os golpes aprendidos numa sequência elaborada pelos alunos praticantes conforme aprenderam em seus treinos. No fim da aula, fizemos uma conversa no sentido de buscar aonde mais eles acessavam essa prática corporal, segundo os alunos, nas academias, canais de lutas, MMA, UFC e videogame, o que foi registrado no caderno do professor.

² Para saber mais sobre Práticas corporais como mercadoria sugiro o texto: NUNES, M. L. F. Práticas corporais ou mercadorias corporais. In: SANCHES, T. A. (org.) **Estudos Culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac, 2011.



Após as vivências, a turma se organizou em grupo e fizeram algumas demonstrações das técnicas empregadas para a turma.



Na aula seguinte, pensando em aprofundar os conhecimentos e ancorar social e historicamente a luta objeto de estudo, trouxe diferentes informações sobre a origem do muay thai e dos rituais que ocorriam na Tailândia em torno dessa prática corporal: os rituais de combate como o *ram muay*, beber sangue de naja e a religiosidade. Falamos sobre os amuletos entre eles o *mongkon* e o *prajiat*, que têm tradições ligadas à crença e não à graduação, diferentemente do que acontece no ocidente.

Ao ter contato com esses conteúdos e observando os vídeos selecionados, os alunos estranharam os ritos, acharam exóticos e engraçados, então ressaltai a diferença que existe de culturas e a importância, para o povo tailandês, dos ritos e do próprio muay thai. Por fim, falamos da diferença de uma luta institucionalizada e uma briga de rua, assunto que seria retomado na aula seguinte.

Na aula seguinte, retomando o conteúdo, conversamos sobre como é realizada uma luta: rounds, a presença de arbitro, a necessidade de regulamentos, códigos de pontuação, a esportivização, etc. Nessa aula um aluno afirmou que lutas são violentas. Perguntei se os lutadores conhecem as regras e sabem o que pode acontecer durante o combate, mesmo assim seria violenta? A questão é que a luta institucionalizada tem uma série de fatores que previnem a violência, diferentemente de uma briga onde não existem limites ou regras.

Antes de discutir a questão das regras oficiais voltamos às vivências que até aquele momento foram baseadas em reconhecer a gestualidade, assim, orientei os alunos que, em grupos, produzissem as regras do muay thai e anotassem numa folha como seria o combate e como se definiria o vencedor. Alertei que no fim da aula eles demonstrariam o combate e suas regras para o restante da sala.



Nesta aula foram criadas hibridizações de combates e formas diferentes de vencer, no entanto, um dos grupos produziu uma luta que tinha agarres e era necessário derrubar no chão para vencer. Ao assistirem, os outros alunos começaram a desqualificar a produção, afirmando que aquela luta não era o muay thai. Porém, o que veio em seguir foi ainda mais problemático: a plateia ali formada começou a discursar palavras violentas, alguns alunos falaram: “quero ver sangue! ”; “quebra ele! ”; “acaba com ele”. Todas essas

frases foram anotadas no caderno de registros e no final da aula sentamos em roda para fazer as considerações.

Neste momento conversamos sobre a produção do grupo que havia sido desqualificada, no intento de que os alunos percebessem que foi válida tanto quanto as outras, retomei o conteúdo passado lembrando que o próprio muay thai sofreu modificações durante sua história. Além disso, questionei as falas violentas que foram respondidas da seguinte maneira: “ Ah, professor, é porque sobe a adrenalina”, “a luta é do mal e faz a gente se comportar com violência”. Quando ouvi isso, percebi a necessidade de retomar a discussão da violência nas lutas e buscar desconstruir esses discursos que reproduziam e desqualificavam a luta como propagadora de maldade.

Para a aula seguinte reorganizei, o que havia planejado e o assunto passou a ser: “Muay thai, a luta do mal (?)”. A ideia era problematizar o que havia ocorrido na última aula, para tanto, os alunos foram questionados desde o início:

O que é violência?

O que é ódio?

Como isso desclassifica o Outro como indigno de sua integridade física?

Para auxiliar na reflexão apresentei vídeos de lutas oficiais, amadoras e trechos de brigas de rua. Pedi que dessa vez observassem as diferentes plateias procurando analisar se elas incitavam a violência durante o combate.



Por fim, retomei o fato transcrito no caderno de registros sobre as falas dos alunos na aula anterior e questionei aonde eles aprenderam a agir assim. Por acaso, estavam reproduzindo a torcida de uma luta? Ou agiam como se fosse uma briga?

Ampliando a discussão, os alunos relataram a presença de atitudes semelhantes de violência e ódio em outras esferas sociais: em brigas de ruas, na família, na escola, em jogos de videogame, como também no futebol, internet (redes sociais) e na TV, onde as pessoas também disseminam o ódio pelas outras. Neste momento, alguns ponderaram dizendo que as pessoas fazem a luta violenta.

Por fim, pedi que anotassem nos seus cadernos suas considerações sobre a aula. Observei frases como:

“As pessoas tornam as lutas violentas e incentivam o ódio. ”

“Incentivar o ódio e a agressão é ferir mentalmente o outro, ser superior ao agredido. ”

“Existe respeito pelos lutadores em lutas profissionais. ”

“As lutas devem ser usadas para defesa e não para disseminar ódio.”

“Eu considero a luta agressiva, ela torna as pessoas mais agressivas.”

Percebi que mesmo buscando a desconstrução da violência, alguns alunos persistiram em relacionar a luta como produtora de agressividade, outros, por sua vez, afirmaram que são as pessoas que promovem a violência nas lutas e que também há respeito nas lutas.

]Como conteúdo da aula seguinte, foram abordadas as regras específicas do muay thai, alguns vídeos ajudaram na compreensão do regulamento, dentre o regulamento foi discutido sobre as categorias de peso, onde os atletas competiam com pessoas com pesos semelhantes para ter uma luta mais equilibrada. Foi proposta uma atividade com videogame para a próxima aula com a colaboração dos alunos para trazerem um videogame e jogos de lutas. A ideia era possibilitar outras maneiras de vivenciar a luta, todavia, na data combinada, trouxeram o videogame, mas esqueceram de trazer os jogos. Após outras duas tentativas fracassadas de realizar essa vivência, acabei reorientando a rota e propondo outras situações didáticas.

Mudamos de ambiente onde eram realizadas as vivências, fomos para a sala multiuso que possui tatames. Foi proposto nessa aula que os alunos construíssem um ringue e lutassem entre si. Surgiu uma variedade de composições entre sexos, estaturas e níveis de habilidade, até fui desafiado a lutar. Além disso, alguns alunos que não queriam lutar se colocaram como juízes, outros como cronometristas e outros ainda na torcida. No transcorrer da aula percebi que não eclodiram discursos de ódio ou violência durante os combates, desta vez houve incentivos e apoios.

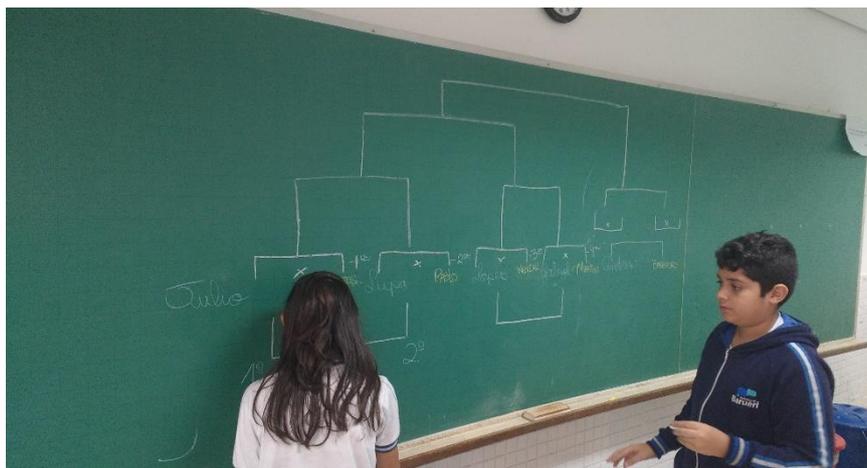


Inesperadamente, um aluno disse: “professor, por que não fazemos um campeonato?”. No fim da aula lancei a ideia para a turma. Apoiada pelos demais, ficou combinado que elaborariamos um campeonato de muay thai a partir da aula seguinte.



Começamos a discutir como seria o campeonato, percebendo que nem todos participariam como lutadores (o que também não era meu objetivo), coloquei na lousa algumas possibilidades de participação: lutadores(as), torcida organizada, juízes, divulgadores, equipe técnica. Os alunos foram se dividindo segundo os interesses de cada um e após a divisão, atribuí as funções ao grupo.

A equipe técnica construiu a tabela de lutas e foi realizado um sorteio para definir os combates; a equipe de divulgação criou logotipo para o campeonato; os juízes definiram as regras do combate e explicaram aos lutadores(as) o que seria permitido ou não; a torcida decidiu como se dividiria para torcer durante os combates.



Prontos para começar, montamos nosso ringue e posicionamos os locais para torcida e juízes. As lutas iniciaram com muita empolgação, mas com respeito dos competidores. No começo tive que interromper para suprimir a agressividade, entretanto, as últimas lutas foram mais tranquilas.



No final do campeonato reuni os alunos no ringue para convidá-los a refletir acerca da vivência. Perguntei por que o tal aluno ganhou? O campeonato teve violência de algum tipo? As regras foram justas? Quais foram as sensações de competir? As diferenças entre os combates iniciais e os finais? Entre outras. A ideia era que os alunos que participaram diferentemente pudessem apresentar suas leituras sobre o campeonato.

Havia ainda outras possibilidades para dar sequência à tematização, contudo alguns acontecimentos escolares, como avaliação global, feriados, feira cultural e conselho de classe, impediram o prosseguimento das situações didáticas. Mas através tessitura deste relato de experiência, acredito que as ressignificações e hibridizações discursivas foram significativas para o 7º D, contribuindo para desconstruir certas visões que eles inicialmente tinham, como também, ressignificar, aprofundar e ampliar seus conhecimentos sobre as lutas e sobre o muay thai.